

AS NAÇÕES PRESTES A SE TORNAREM NUCLEARES

Por John P. Ruehl*



Explosão nuclear (Burnt Pineapple Productions/Wikimedia Commons/Public Domain/ CC0 1.0 Universal).

As barreiras às ambições nucleares nunca foram tão baixas, o que torna cada vez mais difícil impedir as nações menores de buscarem o último dissuasor.

Após o ataque de Israel às instalações de energia iranianas em 26 de outubro de 2024, o Irã prometeu responder com “todas as ferramentas disponíveis”, gerando temores de que em breve poderia produzir uma arma nuclear para representar uma ameaça mais confiável.

O *breakout period* do país – o período necessário para desenvolver uma bomba nuclear – agora é estimado em semanas e Teerã pode prosseguir com a armamentização se acreditar que ela própria ou seus *proxies* estão perdendo terreno para Israel.

O Irã não é a única nação a avançar suas capacidades nucleares nos últimos anos. Em 2019, os Estados Unidos se retiraram do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF), que proibia mísseis terrestres de alcance intermediário, citando supostas violações russas e o não envolvimento da China. Os EUA também estão modernizando seu arsenal nuclear, com planos de implantar armas nucleares em mais estados da OTAN e propostas para estender seu guarda-chuva nuclear a Taiwan.

A Rússia também intensificou sua postura nuclear, expandindo exercícios militares nucleares e atualizando suas políticas nucleares de primeiro uso. Em 2023, suspendeu a participação no tratado de mísseis New START, que limitava as armas nucleares e sistemas de lançamento implantados pelos EUA e pela Rússia, e estacionou armas nucleares na Bielorrússia em 2024.

A Rússia e a China também aprofundaram sua cooperação nuclear, colocando a China em um caminho para expandir rapidamente seu arsenal, já que a colaboração em segurança nuclear com os EUA diminuiu constantemente na última década.

O colapso da diplomacia e a crescente temeridade nuclear entre as principais potências estão aumentando a insegurança nuclear entre si, mas também correm o risco de estimular uma nova corrida armamentista nuclear. Ao lado do Irã, vários países mantêm a infraestrutura tecnológica para construir rapidamente armas nucleares. Prevenir a proliferação nuclear exigiria uma colaboração significativa entre as principais potências, uma perspectiva atualmente fora de alcance.

Os Estados Unidos detonaram a primeira arma nuclear em 1945, seguidos pela União Soviética (1949), Reino Unido (1952), França (1960) e China (1964). Tornou-se evidente que, com acesso ao urânio e à tecnologia de enriquecimento, as nações eram cada vez mais capazes de produzir armas nucleares. Embora a produção em massa e as capacidades de entrega fossem obstáculos adicionais, era amplamente esperado no início da Guerra Fria que muitos estados logo se juntariam ao clube nuclear.

Israel desenvolveu capacidades nucleares na década de 1960, a Índia detonou sua primeira bomba em 1974 e a África do Sul construiu sua primeira em 1979. Outros países, incluindo Brasil, Argentina, Austrália, Suécia, Egito e Suíça, buscaram seus próprios programas.

No entanto, o Tratado de Não Proliferação (TNP), promulgado em 1968 para conter a disseminação nuclear, levou muitos países a abandonarem ou desmantelarem seus programas. Depois do fim da Guerra Fria e sob pressão ocidental, o Iraque encerrou seu programa nuclear em 1991.

A África do Sul, em um movimento histórico, desmantelou voluntariamente seu arsenal em 1994. Cazaquistão, Bielorrússia e Ucrânia renunciaram às armas nucleares que herdaram após o colapso da União Soviética em 1996, obtendo garantias de segurança internacional em troca.

A proliferação nuclear parecia ser uma preocupação decrescente, mas logo surgiram rachaduras na estrutura de não proliferação. O Paquistão conduziu seu primeiro teste nuclear em 1998, seguido pela Coreia do Norte em 2006, elevando a contagem de estados com armas nucleares para nove. Desde então, o programa de armas nucleares do Irã, iniciado na década de 1980, tem sido um dos principais alvos dos esforços ocidentais de não proliferação.

O Irã tem um forte motivo para persistir. O antigo arsenal nuclear da Ucrânia poderia ter impedido a agressão russa em 2014 e 2022, enquanto Muammar

Kadafi da Líbia, que desmantelou o programa nuclear do país em 2003, foi derrubado por uma coalizão liderada pela OTAN e forças locais em 2011.

Se o Irã conseguir uma arma nuclear funcional, perderá a capacidade de alavancar seu programa nuclear como moeda de troca para extrair concessões nas negociações. Embora uma arma nuclear represente uma nova forma de alavancagem, ela também intensificaria a pressão dos EUA e de Israel, ambos envolvidos em um ciclo de confrontos crescentes, às vezes mortais, com o Irã e seus aliados nos últimos anos.

Um arsenal nuclear iraniano também poderia desencadear uma corrida armamentista nuclear no Oriente Médio. Suas relações com a Arábia Saudita permanecem delicadas, apesar da *détente* de 2023 mediada pela China, e autoridades sauditas indicaram anteriormente que conseguiriam sua própria arma nuclear se o Irã as obtivesse. A Arábia Saudita deu apoio significativo ao programa de armas nucleares do Paquistão, com o entendimento de que o Paquistão poderia estender seu guarda-chuva nuclear à Arábia Saudita, ou mesmo fornecer a esta última mediante solicitação.

A Turquia, que hospeda armas nucleares dos EUA por meio do programa de compartilhamento da OTAN, sinalizou uma mudança de política em 2019 quando o presidente Erdogan criticou potências estrangeiras por ditar a capacidade da Turquia de construir sua própria arma nuclear. A crescente parceria da Turquia com a Rússia em energia nuclear poderia, enquanto isso, dar a ela a experiência em enriquecimento necessária para eventualmente fazê-lo.

As tensões no Oriente Médio não são a única força que ameaça a não proliferação. O atrito renovado do Japão com a China, Coreia do Norte e Rússia na última década intensificou o foco de Tóquio na prontidão nuclear.

Embora o Japão tenha desenvolvido um programa nuclear na década de 1940, ele foi desmantelado após a Segunda Guerra Mundial. O *breakout period* do Japão, no entanto, continua medido em meses, mas o apoio público às armas nucleares continua baixo, dado o legado de Hiroshima e Nagasaki, onde os bombardeios nucleares em 1945 mataram mais de 200.000 pessoas.

Em contraste, cerca de 70% dos sul-coreanos apoiam o desenvolvimento de armas nucleares. O programa nuclear da Coreia do Sul começou na década de 1970, mas foi descontinuado sob pressão dos EUA. No entanto, o teste bem-sucedido da Coreia do Norte em 2006 e seu rompimento de vínculos econômicos, políticos e físicos com o Sul na última década, juntamente com o abandono da reunificação pacífica no início de 2024, levantaram novamente a questão na Coreia do Sul.

Taiwan buscou um programa de armas nucleares na década de 1970, que também terminou sob pressão dos EUA. Qualquer sinal de comprometimento vacilante dos Estados Unidos com Taiwan, juntamente com as crescentes capacidades nucleares da China, pode levar Taiwan a reavivar seus esforços. Embora menos prováveis, disputas territoriais no Mar da China Meridional também podem motivar países como Vietnã e Filipinas a considerar o desenvolvimento de capacidades nucleares.

A guerra da Rússia na Ucrânia também teve implicações nucleares significativas. O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky sugeriu recentemente ao Conselho Europeu que um arsenal nuclear pode ser o único impedimento da Ucrânia se a adesão à OTAN não for oferecida. Zelensky mais tarde voltou atrás em seus comentários depois que eles acenderam uma tempestade de controvérsias. No entanto, se a Ucrânia se sentir traída por seus parceiros ocidentais – particularmente se for forçada a conceder território à Rússia – isso pode estimular algumas facções dentro da Ucrânia a tentar garantir capacidades nucleares.

A guerra também estimulou considerações nucleares em toda a Europa. Em dezembro de 2023, o ex-ministro das Relações Exteriores alemão Joschka Fischer endossou um impedimento nuclear europeu. Uma reeleição de Trump pode amplificar as preocupações europeias sobre os compromissos dos Estados Unidos com a OTAN, com a França tendo proposto cada vez mais uma força nuclear europeia independente nos últimos anos.

É improvável que potências nucleares estabelecidas recebam mais países em suas fileiras. Mas, embora a China e a Rússia não necessariamente desejem esse resultado, elas reconhecem que as preocupações do Ocidente são maiores, com a Rússia fazendo pouco na década de 1990 para impedir que seus cientistas nucleares desempregados ajudassem o programa da Coreia do Norte.

Os EUA também foram surpreendidos anteriormente pelas aspirações nucleares de seus aliados. Os formuladores de políticas americanos subestimaram a determinação da Austrália em buscar um programa de armas nucleares nas décadas de 1950 e 1960, incluindo tentativas secretas de obter uma arma do Reino Unido. Da mesma forma, os Estados Unidos inicialmente não sabiam do amplo apoio da França ao desenvolvimento nuclear de Israel nas décadas de 1950 e 1960.

Países menores também são capazes de ajudar as ambições nucleares uns dos outros. A Argentina ofereceu apoio considerável ao programa de Israel, enquanto Israel auxiliou o da África do Sul. A Arábia Saudita financiou o desenvolvimento nuclear do Paquistão, e o principal cientista nuclear do Paquistão é suspeito de ter ajudado o Irã, a Líbia e a Coreia do Norte com seus programas na década de 1980.

Conflitos envolvendo estados com armas nucleares não são sem precedentes. Egito e Síria atacaram Israel, que tem armas nucleares, em 1973, e a Argentina enfrentou um Reino Unido com armas nucleares em 1982. Índia e China entraram em confronto em suas fronteiras em várias ocasiões, e a Ucrânia continua resistindo à agressão russa.

Mas conflitos envolvendo países nucleares convidam a uma escalada perigosa, e o risco aumenta se uma nação com poder militar convencional limitado ganha capacidades nucleares; sem outros meios de defesa ou retaliação, pode ser mais tentada a recorrer a armas nucleares como sua única opção viável.

Os custos de manutenção de arsenais nucleares já são altos. Em 2023, os nove estados com armas nucleares do mundo gastaram cerca de US\$ 91,4 bilhões gerenciando seus programas. Mas que incentivo os países menores têm para

abandonar completamente suas ambições nucleares, especialmente quando observam a proteção que as armas nucleares oferecem e testemunham as grandes potências intensificando suas estratégias nucleares?

Obter as armas mais poderosas do mundo pode ser uma ambição natural dos setores militar e de inteligência, mas depende também das forças políticas no poder. No Irã, os moderados podem contrabalançar os linha-dura, enquanto o apoio contínuo à Ucrânia pode impedir que mais forças nacionalistas cheguem ao poder lá.

No entanto, um país adicional obtendo uma arma nuclear pode desencadear uma cascata de outros. Enquanto potências maiores estão atualmente liderando a postura nuclear, países menores podem ver uma oportunidade em meio à desordem. O apoio limitado ao Tratado sobre a Proibição de Armas Nucleares, em vigor desde 2021, bem como a quebra de outros tratados internacionais, reforça o fascínio persistente das armas nucleares, mesmo entre estados não nucleares.

Com as principais potências em disputa aberta, as barreiras às ambições nucleares já estão enfraquecendo, tornando cada vez mais difícil dissuadir nações menores de buscar o impedimento final.

Publicado no [Asia Times](#).

****John P. Ruehl** é jornalista australiano-americano e vive em Washington. É editor colaborador da Strategic Policy e colaborador de várias outras publicações de relações exteriores. Ruehl é autor do livro Budget Superpower: How Russia Challenges the West with an Economy Smaller than Texas, publicado em dezembro de 2022.*
